

O ESTUDO DAS VARIANTES LINGÜÍSTICAS: PESQUISA DE CAMPO NO POVOADO MUSSUCA

SILVA, Ana Lucia.
ÁVILA, Ivone Pereira dos Santos.
ANDRADE, Valéria Guimarães.

LEITE, Tânia Regina Carvalho Santos.

Graduada em Letras: Português/Inglês. Especialista em Educação e Mestre em Comunicação Social

Prof^a do curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes-UNIT

Leitetania@gmail.com.br

RESUMO:

As reflexões deste artigo centram-se em uma pesquisa de campo. Através deste estudo é notável perceber a problemática das variações lingüísticas e a norma culta no povoado Mussuca, a partir de conversas com os falantes locais. Esta pesquisa partiu de um pressuposto de que durante a permanência do aluno na escola, ensino fundamental ou médio, é comum estudar a Língua Portuguesa, através, principalmente, da Gramática Normativa, assim, a língua, de certa forma, aparece reduzida às normas e regras que determinou seu funcionamento. Este tipo de estudo considera a língua como algo pronto e acabado, sem pergunta-se de onde ela veio, o que a determinou, é um estudo sincrônico, que não leva em consideração as variantes lingüísticas. A pesquisa objetiva analisar a distância que existe entre a linguagem popular e a linguagem culta através dos falantes do povoado Mussuca, como também estudar a diversidade histórica e cultural dessa localidade. Quanto à metodologia utilizada, houve um maior contato com o objeto de estudo, isto é, entre o mundo real e o sujeito. Essa metodologia está dividida em dois momentos: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Levando em consideração as variantes lingüísticas, todos os falares são importantes para dar continuidade à história de nossa língua.

Palavras-chave: Mussuca, língua, lingüística.

O ESTUDO DAS VARIANTES LINGÜÍSTICAS: PESQUISA DE CAMPO NO POVOADO MUSSUCA

A idéia em pesquisar esse tema surgiu a partir de uma pesquisa de campo realizada no Povoado Mussuca, na qual foi observada uma série de variação lingüística, através de conversas com os falantes locais.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral e específicos analisar a distância que existe entre a linguagem popular e a linguagem culta através dos falantes do Povoado Mussuca, investigar as funções que a escola e a sociedade têm atribuído a linguagem no quadro dos conceitos abordados sobre as variações lingüísticas, suas relações sociais referentes aos falantes locais, como também, estudar a diversidade histórica e cultural do povoado e analisar os falares da comunidade, dando ênfase ao falar dos inferiores, por meio de uma análise lexical.

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, dando oportunidade ao pesquisador um maior contato com o objeto de estudo, entre o mundo real e o sujeito, sendo assim, esse estudo está dividido em dois momentos: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

É de grande valia relatar que este estudo surgiu durante a permanência do aluno na escola, ensino fundamental ou médio, é comum estudar a Língua Portuguesa através, principalmente, da gramática normativa. Assim, a língua, de certa forma, aparece reduzida às normas e regras que determinam seu funcionamento. Este tipo de estudo considera a língua como algo pronto e acabado, sem perguntar de onde ela veio, o que a determinou, é um estudo sincrônico, que não leva em consideração as variações lingüísticas.

Para entender a função da língua é necessária uma breve análise evolutiva da mesma. A linguagem permite, como mediadora, não só alcançar o conhecimento, mas também

aprofundá-lo, e elaborar conhecimentos novos e mais elevados. Dessa forma, a língua é o suporte de abstração e generalização consciente da realidade.

Evidentemente, fala-se um certo número de variedades de português, das quais algumas chegaram ao posto de norma-padrão por motivos que não de ordem lingüística, mas histórica, econômica, social e cultural. Existe, portanto, um português-padrão, que é a norma oficial, usada na literatura, nos meios de comunicação, nas leis e decretos, ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas, definidas nos dicionários. No entanto, nem todos falam o português-padrão. .

A realização desta pesquisa partiu do pressuposto de que é preciso compreender que o português não-padrão é uma língua como qualquer outra, com regras coerentes, com uma lógica lingüística perfeitamente demonstrável, daí a necessidade de abandonar os preconceitos que vigoram hoje em dia no ensino de Língua Portuguesa. Logo, a importância desta pesquisa está não só na possibilidade de compreender o processo evolutivo da Língua Portuguesa, como também contribuir na busca de técnicas metodológicas para o ensino das variedades lingüísticas, através de uma análise lexical.

E essa análise baseia-se na observação dos vários dialetos da Língua Portuguesa, pois – como é bem sabido – esta Língua é rica em falares que são usados inconstantemente por uma clientela bastante diferenciada.

De acordo com Pulcinelli Orlandi (2003), o homem procura dominar o mundo em que vive, por meio de conhecimento. Dessa forma, a linguagem é um desses motivos pelo quais o homem tenta explicar algo que lhe é próprio e que é parte fundamental de seu mundo, e, da sua convivência com os outros seres humanos.

Sabe-se, que por intermédio desse conhecimento, existem as curiosidades de saber algo a respeito da fala. Por que falamos? Para que falamos? Como falamos? Por que as línguas são diferentes? O que são as palavras? O que elas produzem?

As questões citadas tocam diretamente no homem, que tem procurado dar-lhes uma resposta de acordo com o avanço da ciência.

Na Grécia Antiga, os pensadores estendiam-se em longas discussões para descobrir se, verdadeiramente, as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por convenção. Diante dessa discrepância, entre esses pensadores, fica perceptível que, desde aquele tempo, havia várias opiniões sobre a própria estrutura da linguagem.

Os antigos hindus são povos conhecidos pela sua agudeza no relacionamento da linguagem verbal. Com isso surgiu também a redescoberta do Sânscrito, isto é, língua sagrada da Índia antiga.

Em detrimento com a redescoberta do Sânscrito no século XIX, aparecem os estudos referentes à linguagem que os hindus tinham lançado em épocas muito remotas, tendo como principal motivo religioso, estabelecendo por intermédio da palavra uma relação íntima com Deus-mesmo assim seus estudos não continuaram menos rigorosos.

Na Idade Média, a reflexão sobre a linguagem teve nos Modistae uma de suas manifestações relevantes. Teoricamente, eles procuram desenvolver um estudo generalizado da linguagem, dando ênfase à autonomia da Gramática em relação à lógica.

Dessa maneira, consideram, então, três tipos de modalidades (modus) – pela linguagem natural: o modus essendi (de ser), o intelligendi (pensamento) e o significandi (de significar).

Existe um grande número de fatores que mostram que os homens se diferenciam em épocas, principalmente na linguagem. Com a criação da Lingüística, o homem torna a forma de uma ciência, com seu objeto e método próprios.

A Lingüística é uma ciência que surgiu no século XX, durante esse período houve dificuldades, reflexões sobre a linguagem, e, conseguiu se impor como ciência, demonstrando o apuro de seu método e a configuração precisa de seu objeto.

Dessa forma, a Lingüística definiu-se com bastante sucesso entre a Ciências Humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana. Então o que é? E o que não é Lingüística?

De acordo com a tradição escolar, sabe-se que é notório o estudo da linguagem relacionada com o estudo gramática, no entanto, a Lingüística distingue-se da Gramática Normativa – tradicional. Esta objetiva ditar regras para o uso da linguagem, já a Lingüística tudo é um ponto de reflexão.

Antigamente, para que o homem desenvolvesse sua fala era necessário escrever com os signos – eles são fundamentais, pois dão ao homem sua dimensão simbólica. Signos esses, que são importantes para a humanidade, merecendo uma ciência só para si: a Lingüística.

Sabe-se que na história da constituição da Lingüística há dois momentos: o século XVII, que é o das gramáticas gerais, e o século XIX com suas gramáticas comparadas. No século XVII, os estudos da linguagem são fortemente marcados pelo racionalismo. Os pensadores da época concentram-se em estudar a linguagem, enquanto representação do pensamento e procuram mostrar que as línguas obedecem a princípios racionais, lógicos.

Esses princípios regem todas as línguas, e além de definir a linguagem geral, tratando as diferentes línguas como casos particulares dela. Considerando, a linguagem rígida por princípios gerais que são racionais, e, passam a exigir do falante clareza e precisão no uso da linguagem.

Um outro momento importante para a história da Lingüística, é o século XIX, com as gramáticas comparadas. Este século tem movimentos, perspectivas e interesses bem diferentes do século XVII, visto que as línguas se transformam com o tempo.

Segundo Orlandi (2003), a figura mais expressa da época é o alemão F.Bopp. A sua importância é tal que considera a data de nascimento da Lingüística História em 1816, sobre

o sistema da conjugação da língua sânscrita, comparado ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico.

Ainda no século, XIX se descobre a semelhança entre a maior parte das línguas européias e o sânscrito. Essas línguas foram denominadas indo-européias, ou seja, são consideradas da mesma família, isto é, são vistas como transformações naturais de uma mesma língua de origem (indo-europeu), para que se chegue pelo método comparado.

Nesse caso, a gramática comparada objetiva evidenciar que as mudanças são regulares têm uma direção. Diante desse ponto positivo, percebe-se que no século XIX, para mostrar a regularidade da língua, certos lingüísticos históricos, os chamados neogramáticos, chegam a enunciar leis para as mudanças na língua: as fonéticas pelas quais eles procuram explicar a evolução da língua.

A Língua Portuguesa formou-se a partir do latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia. Pode-se dizer que o português é o próprio latim vulgar modificado. Na colonização romana, o latim tornou-se a língua da administração e do grande comércio, de forma que o prestígio da civilização romana e o interesse contribuíram a sua aceitação, sobretudo pelas classes altas da sociedade, que, para facilitar a carreira dos filhos, enviavam-nos nas escolas romanas; o povo mais humilde seguia o exemplo, e, uma vez transformada em romana a cidade, o campo, o interior, que dependiam do entro urbano muito mais do que hoje, acabavam por romantizar-se também, mesmo muito lentamente.

O latim, que hoje é ensinado, corresponde ao latim clássico ou literário da época áurea da literatura romana. O latim vulgar é falado nas diversidades locais, além disso, foram, na maior parte das regiões romanas, muito mais notáveis antes da difusão da imprensa e da instrução. Assim como qualquer outra língua, o latim sofreu variações, ou seja, sofreu evolução, advinda das manifestações culturais, sociais, políticas, e outras. Pode-se dizer, portanto, que a língua falada muda mais rapidamente que a língua escrita e literária. A língua

escrita procura ser correta, isto é, estabelecer uma vez por todas o que é certo e o que é errado.

Neste contexto, o conceito de língua é bastante amplo, englobando todas as manifestações individuais. No entanto, a maior parte dos problemas da fala e da escrita está ligada à variação lingüística.

A língua é o código de um sistema de comunicação necessário para que os indivíduos se entendam. Isto é, só existe língua se houver indivíduos que necessitam se comunicar. Em verdade, o ato da comunicação é, no homem, primordial à vontade de comunicação e ao uso da língua. Segundo Rocha (2004), pode-se observar que, mesmo em condições extremamente precárias, com sérios danos ao sistema de fonação ou ao sistema nervoso central, os homens procuram estabelecer um contato com os outros indivíduos. Nem toda as pessoas falam da mesma forma, tampouco usam os mesmos vocábulos.

O ensino de Língua Portuguesa tem se configurado, na escola, entre o certo e o errado. A língua portuguesa tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura. Com relação a seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e o errado lingüisticamente, mas o diferente. A esse respeito, Luft (1995) enfatiza que o português, como qualquer outra língua, é um fenômeno dinâmico, não estático, ou seja, evolui com o passar do tempo. No entanto, a escola, passa o ensino de uma língua, parada, imutável. Assim, ela leva o aluno a pensar que a linguagem correta é a linguagem escrita, pois esta é lógica, clara, explícita, ao passo que a linguagem falada é confusa, incompleta, sem lógica, o que não é verdadeiro, pois a fala tem aspectos contextuais e pragmáticos, que a escrita não revela, e a escrita tem aspectos que a linguagem oral não usa. São dois usos diferentes, cada qual com suas particularidades próprias.

O que se presencia, diariamente, é o medo que as pessoas e, sobretudo, as instituições estabelecidas na sociedade têm do que é diferente, porque viveriam sempre na expectativa do imprevisível; por isto, criam cada vez mais leis rígidas do certo e do errado.

As diferentes variações levam à constatação de que existem vários níveis de linguagem. O certo é que, numa mesma comunidade encontram-se pronúncias, vocabulário, estruturas diferentes de frases que não impedem a compreensão dos falantes.

A linguagem sofre os condicionamentos das normas e do sistema de valores da sociedade. Como há uma classe com mais prestígio do que outro há também um dialeto mais prestigiado do que outro. E o dialeto mais valorizado é aquele utilizado pela classe economicamente privilegiada.

As línguas compõem um conjunto, dentro do qual os diferentes membros de uma sociedade convivem e se relacionam. A organização da sociedade, como um elemento desse complexo, está relacionada com a organização econômica; os dois entre si relacionam-se igualmente com as idéias religiosas.

O conceito de língua é bastante amplo, englobando todas as manifestações individuais. No entanto, a maior parte dos problemas da fala e da escrita está ligada à variação lingüística. Segundo Cagliari (1998), até hoje os autores dos livros didáticos tem levado em conta as variações lingüísticas, confundido elementos importantes e não entendendo de fato o que acontece, sobretudo, nos primeiros momentos de escolarização da criança, e, em particular, com a aquisição do sistema de escrita.

A linguagem nasceu e se desenvolveu, mas estritamente ligada ao trabalho como atividade social. Ela foi produzida como necessidade de comunicação para poder haver entendimento quanto à tarefa de cada um na situação de trabalho realizado em conjunto. A linguagem é a capacidade de se comunicar por meio de um código sonoro, visual e gestual. O mais utilizado desses códigos comunicativos é a língua, por sua vez, língua é “um conjunto

de sons e ruídos, combinados, com os quais um ser humano, o falante, transmite a outros ou outros seres humanos, o ouvinte ou os ouvintes, o que está em sua mente”. (MOURA, 2001, p.25).

A língua é, portanto, um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Ou seja, um grupo social convencionado e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos: os signos lingüísticos. Desse modo, o conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

De acordo com Ernani (2001), a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Pode-se dizer, por isso, que a língua é um verdadeiro “contrato” que os indivíduos de um grupo social estabelecem. Aceitos os termos desse contrato, a comunicação está garantida.

Para Bagno (2001), não existe uma única linguagem no Brasil. A idéia de língua única é falsa, não corresponde à realidade, pois não se fala uma só uma língua. Existem mais de duzentas línguas faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais. Mesmo não levando em consideração esses povos, nem por isso pode-se dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Não existe nenhuma língua que seja uma só. Desse modo, o português não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de “coisas” aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Ou seja, as variedades.

No Brasil, há muitas falas regionais, por exemplo, a fala nordestina da língua portuguesa genericamente falada no Brasil. Pode-se dizer, que o dialeto é uma fase de transição, espacial e temporal, da língua.

Na concepção de Tarallo (2001), em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de “variantes lingüísticas”, são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável lingüística”

Por exposto, verifica-se que a intervenção social é importante e, então, humana, nos fatos da língua. E, justamente, deve-se aos homens e a sua dinâmica existencial à formação das várias línguas faladas hoje na terra.

Como foi descrito anteriormente, o conceito de língua é bastante amplo. Dentro desse extenso universo, há também variações que não são decorrentes do uso individual da língua, mas sim de outros fatores, tais como: fatores geográficos, fatores sociais, fatores profissionais e situacionais.

Nos fatores geográficos, há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de uma pessoa que nasce no Rio de Janeiro, e uma pessoa que nasce no Nordeste, ou no Norte. Essas variações regionais constituem os *falares* e os *dialetos*. Não há motivo lingüístico algum para que se considere qualquer uma dessas formas superior ou inferior às outras.

Nos fatores sociais, o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua, a culta, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social. Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não fazem parte do grupo. (TARALLO, 2001, p.35)

Quanto aos fatores profissionais, Tarallo (2001) acrescenta que o exercício de certas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, lingüistas e outros especialistas.

Nos fatores situacionais, é possível encontrarmos em diferentes situações comunicativas um mesmo indivíduo empregar diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumem em situações formais e em situações informais: em cada uma dessas oportunidades, emprega-se forma de língua diferente, procurando adequar nosso nível vocabular e sintático ao ambiente lingüístico em que nos encontramos.

Segundo Possanti (1996), a norma-padrão tem principalmente mais palavras eruditas, tem mais termos técnicos, tem um vocabulário maior e mais diversificado, no entanto, se esse investimento foi aplicado a qualquer uma das muitas variedades faladas no país, ela também se enriqueceria e se mostraria capaz de ser veículo para todo tipo de mensagem, de discurso, de texto científico e literário.

Quando se estabelece uma norma-padrão, ela ganha muito prestígio e importância e todas as demais variedades são consideradas “impróprias, inadequadas, feias, erradas...” E esta norma-padrão passa a ser designada legítima e legal dos falantes desta língua. Os motivos que levam determinadas variedades a servir de base para o padrão não têm nada a ver com as qualidades intrínsecas, internas, lingüísticas destas variedades.

As variedades de uma língua têm recursos lingüísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos. No Brasil existem dezenas de línguas diferentes, chamadas dialetos, falados por milhões de pessoas e também veículos de importantes manifestações culturais.

Fala-se um certo número de variedades de português, das quais algumas chegaram ao posto de norma-padrão por motivos que não de ordem lingüística, mas histórica, econômica,

social e cultural. Existe, portanto, um português-padrão, que é a norma oficial, usada na literatura, nos meios de comunicação, nas leis e decretos do governo, ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas, definidas nos dicionários. No entanto, nem todos falam o português-padrão.

As variedades de uma língua têm recursos lingüísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos. No Brasil, existem dezenas de línguas diferentes, chamadas dialetos, isto é, utilização da fala de forma que melhor exprime o gosto e o pensamento, falados por milhões de pessoas e também veículos de importantes manifestações culturais.

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão, não-padrão; conservadoras, inovadoras; de prestígio e estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolingüístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Por estar sujeita à dinâmica de diferentes usos nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio, e ainda num só local apresenta um sem-número de diferenciações de maior ou menor amplitude. Conforme afirma Luft (1995), as variedades de ordem geográfica não prejudicam a língua nem influenciam na consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Silva (2001) comenta que qualquer língua histórica é um fato social que se concretiza no uso individual de cada um de seus falantes, a variabilidade individual só se restringe pelos limites que o sistema dessa língua permite. Como conseqüência de ser um fato social, o uso individual só é atuante na sua completude se desencadear o processo de interação social. A interação, por meio da língua, portanto, é um comportamento social.

Os preconceitos e estigmas que marcam as variantes regionais e populares da língua portuguesa no país partem de estereótipos estabelecidos a partir da super valorização da variante culta, relacionada às classes social culturalmente dominante e às regiões desenvolvidas do país.

A história da estrutura funcional de uma língua não pode separar-se da história dos falantes que a modificaram, que a recriaram, ao longo do tempo. Para Luft (1995), os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao passar dos anos, assumindo peculiaridades características de grupos sociais diferentes, e os indivíduos aprendem a língua ou dialeto da comunidade em que vivem. Essas considerações mostram que as línguas, quando se transformam com o passar do tempo não se degeneram, não se tornam imperfeitas, estragadas, mas adquirem novos valores ligados as novas perspectivas da sociedade.

Dessa forma, a escola deveria aceitar e respeitar os dialetos entendê-los, e até mesmo, ensinar como essas variedades da língua funcionam comparando-as entre si, deve também mostrar aos alunos que a sociedade atribui valores sociais diferenciados aos diferentes modos de falar a língua. Logo esses valores, embora se baseiam em preconceitos e falsas interpretações lingüísticas de certo e erradas, têm conseqüências econômicas, políticas e sociais.

O caráter qualitativo desta pesquisa permitirá que o pesquisador tenha um maior contato com o objeto de estudo, a língua, numa relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Este estudo está dividido em dois momentos: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. O primeiro pode ser definido como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. O segundo, será realizada no Povoado Mussuca, através de entrevistas com os moradores.

No processo de investigação serão trabalhadas as seguintes categorias de análise: os falares sergipanos, linguagem popular, linguagem culta, variações lingüísticas e outras que se fizeram presente durante a coleta de dados.

As técnicas de pesquisas privilegiadas para a coleta de dados serão o levantamento bibliográfico, a observação livre e a entrevista. Os sujeitos da pesquisa serão os moradores do povoado Mussuca. A amostra será determinada no decorrer do processo de observação, de modo que represente significativamente o universo desta pesquisa.

Os dados serão coletados através da observação e entrevista aos moradores, partirão de certos questionamentos básicos, os quais se apoiarão nos objetivos e hipóteses que interessam a pesquisa.

Será usada a técnica de observação livre como complemento das entrevistas, como possibilidade de contato do pesquisador com o fenômeno aqui proposto a ser pesquisado. A partir dos registros descritivos, produzidos pelos pesquisadores durante o processo de observação, refletir analiticamente sobre os dados coletados nas entrevistas. E, finalmente, os dados coletados serão organizados, apurados e analisados através de uma análise lexical, buscando responder os questionamentos propostos neste estudo.

O levantamento das fontes teve início a partir do dia 10 do mês de Junho de 2005, em visita ao povoado Mussuca, no município de Laranjeiras, a 23 km da cidade Aracaju; situado a 07 km do centro urbano, tendo como vizinhos aos povoados Cedro e Várzea.

Nesse povoado, observarm-se seus costumes e tradições, bem como a constituição da comunidade como um todo. Seu relevo é disforme, com grandes elevações e baixadas.



No século XVIII, a terra foi povoada por escravos, que eram açoitados, espancados e feridos pelos seus donos, e por conta dos maus tratos se refugiaram nessa região, a qual era coberta por muitos manguezais. Face a esses mangues, existiam muitas mutucas, ou seja, nome vulgar de insetos de origem Tupi (mbotuka), originando-se, assim, a denominação Mussuca. Tal denominação também tem como significação “muais de negros” correspondendo ao nome de um peixe preto existente (mussum).

Todos os moradores no local são negros, havendo entre eles uma profunda união e rejeição a qualquer tipo de estranho que lá queira entrar. Um fator interessante a se considerar, ainda com relação aos primeiros habitantes, é que esse povoado, apesar de sítios e casas próprias independentes, possui apenas uma escritura que já não existe mais. Assim é porque pertencia a uma mulher (Maria Benguela) que cedia a cada uma parte de terra. Dessa forma, caso alguma propriedade seja vendida, passa-se um recibo, mas nunca uma escritura.

Lá, houve conversas com dois moradores: Sra. Marizete e seu tio Sr. José Nicolau dos Santos de 76 anos, mais conhecido como Sr. Laurino. Os dois nos deram informações com relação ao contexto histórico bem como do costumes locais. Não houve entrevista formal, e sim uma conversa, na qual se percebe as transformações estas, mostradas no capítulo a seguir.



Sr. “Laurino” nasceu e sempre e viveu no povoado assim como seus pais. A população é constituída por trabalhadores braçais, tendo como principal atividade econômica à agricultura de subsistência e funcionários de empresas particulares, públicas e estaduais.

O povoado possui dois grupos folclóricos: O São Gonçalo, em suas músicas, compostos de homens vestidos de mulheres, e o Samba de Parelha, grupos de festa junina composta por homens e mulheres. Seus pontos turísticos são a Gruta e as Ruínas da Igreja São Pedro que fica localizada na Ilha Fazenda Pilar.

Entre outros costumes e tradições, percebem-se características lingüísticas verificadas através do diálogo com os moradores do Povoado Mussuca, ficando perceptível algumas palavras que fazem parte do cotidiano dos falantes locais, juntamente com o tipo de metaplasmo referente à sua alteração, estão relacionadas abaixo:

- Farta (falta): assimilação parcial
- Recramava (reclamava): sonorização
- Sartou (saltou): assimilação parcial
- Armoçou (almoçou): assimilação parcial
- Dirminuiu (diminuiu): apêntese
- Mermo (mesmo): sonorização
- Sábu (sábado): síncope
- Saucristia (sacristia): êpentese
- Fárcaba (fábrica): êpentese
- Percurei (procurei): metátese e assimilação parcial
- Trabaiou (trabalhou): vocalização
- Voismicê (você): questão cultural
- Cliariá (clarear): epítese e assimilação parcial
- Pavoado (povoado): assimilação parcial
- Tombem (também): assimilação parcial
- Tabalião (tabelião): assimilação parcial
- Binifício (benefício): assimilação parcial

- Deretora (diretora): assimilação parcial
- Apelidi (apelido): assimilação parcial
- Veriador (vereador): assimilação total
- Premeiro (primeiro): assimilação parcial
- Inté (até): regressiva e nasalização
- Pessoa (pessoal): apócope
- Apois (pois): prótese
- Enceguerado: questão cultural
- Óia (olha): vocalização

Mediante essa experiência, ficaram explicitas algumas palavras que sofreram transformações fonéticas, ou seja, essas palavras são denominadas como diversidade histórica e cultural do Povoado Mussuca.

Em consonância com a coleta e análise dos dados do falar da comunidade, leva-se a entender que, partindo do ponto de vista da gramática normativa, esses falares estão literalmente errados, principalmente quando os falantes forem se pronunciar perante a sociedade letrada. Não levando em consideração as experiências advindas dos falantes que margeiam uma determinada localidade, a qual, por sua vez, é composta de pessoas que fazem parte de uma classe sócio-econômica desprestigiada. Não obstante, é indubitável que o ensino de Português, através da gramática, é uma maneira hierarquizada, errônea e sem precisão. Já que a mesma estacionou –se no tempo. Por sua vez, o ensino de Português, à luz da lingüística, tem suscitado várias medidas. Medidas estas que são extremamente favoráveis para que os discentes tenham um bom aproveitamento no final de cada ano.

Essas classes são desprovidas economicamente, são vistas também como classes lingüisticamente inferiores, porém, foram esses falares, que deram origem à língua

escrita, visto que todas essas questões culturais e regionais são importantes para dar continuidade à história da nossa língua.

No entanto, é preciso considerar esta análise lingüística dentro de uma visão teórica da construção histórica da linguagem. Sabe-se que, a independência política do Brasil, em 1822, não havia dúvidas quanto ao padrão lingüístico que deveria ser considerado modelar. Afinal, o Brasil era uma extensão territorial transatlântica de Portugal e, nessa qualidade, seus habitantes estavam em tudo sujeito às decisões oficiais da metrópole, inclusive às decisões que diziam respeito á língua.

Então, com a chegada do Marquês de Pombal ao território, tomou a decisão referente ao campo da política lingüística, fechado assim, todo território brasileiro e proibindo o uso de outras línguas que não fosse a portuguesa.

A partir desse ponto de vista teórico, o ensino da Língua Portuguesa é de grande importância tanto na linguagem falada como na escrita. O domínio da Língua Portuguesa é muito importante para uma boa comunicação, como também ter acesso a informações, se expressar e defender pontos de vista, partilhando assim para o desenvolvimento da sociedade. Entretanto, é preciso considerar as variações lingüísticas, uma vez que a escola, quando tenta equacionar as formas de linguagem menos prestigiadas, está informando ao aluno o certo e o errado, e que ele fala o errado. Desse modo, a escola está endossando os preconceitos e as discriminações sociais, e, não observa que as variações lingüísticas são importantes para a análise e entendimento da complexidade da sociolingüística do Brasil.

Portanto, após a pesquisa, é louvável concluir que: temos agora, um maior embasamento teórico para melhor entender as divergências lingüísticas existente na sociedade brasileira, e, além disso, o trabalho servirá como base ao aprofundamento de pesquisas futuras, que propiciará uma compreensão das diferenças lingüísticas e culturais em particular do nosso Estado até então abstrata.

8-REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____ **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1998.

LUFT, Celso. **O ensino da língua portuguesa**. Revista Presença Pedagógica. Ano XI 1995.

GERALDI, J. V. **Portos de passagens**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GNERRE, Marizzio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOURA, V. J. **O Ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado Aberto, 1996.

ROCHA, Vilma *et al.* **Gramática histórica**. Aracaju: UNIT, 2004.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2001.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sócio-lingüística**. São Paulo: Ática, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, 1942. **O que é lingüística?** São Paulo: Brasiliense. 2003.

Laranjeiras: Sua História, Sua Cultura, Sua Gente. Prefeitura Municipal de Laranjeiras. Janeiro/2000.